

NACIONAL

Ao lermos o seu novo livro até parece que estamos num tempo de convulsão social como foi a do ano de 1975. Há algum paralelo?

**MS** - Paralelo não há nenhum. Mas estamos a viver num tempo muito difícil como nunca houve desde o 25 de Abril.

Pode dizer-se que o 15 de Setembro deste Governo foi a manifestação da Fonte Luminosa que organizou?

**MS** - Foram manifestações diferentes com participantes também diferentes.

No seu prefácio escreve: "É preciso que o Governo se autodemita". Esperava viver esta situação no pós-25 de Abril?

**MS** - Era, segundo penso, a solução mais apropriada e lógica, uma vez que o Governo tem contra ele a esmagadora maioria dos portugueses, de todas as condições sociais.

Não, nunca pensei viver uma tal situação.

Passos Coelho surpreendeu ao anunciar o seu desejo de "refundação". Esperava por uma reviravolta – chamemos-lhe assim - destas?

**MS** - Não. Acho que está um pouco desorientado e não tem estratégia.

Partilha da opinião de que a geração que nos governa está impreparada para o fazer?

**MS** - Não se trata de uma questão de gerações, mas tão só de ideologia. O Governo é constituído por neo-liberais ou que aceitam comportar-se como tal.

Qual é a geração mais traída, a sua que estabeleceu a Democracia, ou a dos jovens que não têm lugar neste Portugal?

**MS** - Julgo que a questão de geração não tem sentido. Em todas as gerações há bom e mau. Depende das pessoas.

Refere que o Governo nunca teve uma visão estratégica para vencer a crise. Não foi essa crença que fez os portugueses votarem em maioria num governo de direita?

**MS** - Entre o que o Governo prometeu, nas eleições, para as ganhar, e o que realmente tem feito, não há comparação possível. Se o Governo hoje fosse a votos ficaria muito longe de ser maioria.

Acusa os membros do Governo de se esconderem quando saem à rua. Nos tempos do seu resgate pelo FMI, fez igual?

**MS** - O fenómeno das vaias ao Governo, nunca aconteceu em relação aos Governos, desde o 25 de Abril até agora. É um fenómeno original e perigosíssimo.

O FMI nunca falou em público nem fez conferências de imprensa. Era constituído por uma Senhora, extremamente discreta, que falo tão só com o Ministro Hernâni Lopes e comigo.

Acha que se não fosse o programa da troika a governação seria pior, afinal escreve que "os ministros parecem não se entender"?

**MS** - O actual Governo depende da Troika. Aceitou ser um protectorado da Troika. Parece não ter um sentido da Pátria. Além do espectáculo que tem dado a Coligação. É óbvio que os ministros se entendem muito mal entre si.

Acredita que a coligação PSD/CDS sobreviverá até ao Orçamento do próximo ano?

**MS** - Não creio. Vejamos o que se passa com o Orçamento. Ainda não sabemos.

Mudou de opinião em relação ao Passos Coelho dos primeiros tempos?

**MS** - Mudou. Para mim tem sido uma decepção.

Acha que o ministro Vítor Gaspar aguentará os quilómetros que faltam percorrer segundo a metáfora que o próprio anunciou?

**MS** - Não percebo muito bem os seus discursos, quanto mais as metáforas...

Se a sua análise - "a população portuguesa (...) parece ser desesperadamente a favor da queda do Governo" - se se verificar, qual será a alternativa?

**MS** - Se o Governo se demitir, dá ao País uma prova de sensatez. Nesse caso, teremos de ver como o Presidente da República se comporta. É a quem compete a palavra seguinte.

A posição do PS ao votar contra o Orçamento de Estado foi realista?

**MS** - Não podia ser outra. Teve a unanimidade dos militantes do PS.

Prevê ser inevitável um governo de iniciativa presidencial?

**MS** - Não creio. Mas como lhe disse, tudo depende do que o Presidente fizer.

Considera aceitável, refere-o no prefácio, um novo governo sem eleições como aconteceu em Itália?

**MS** - Acho que as eleições, neste momento, complicam tudo e podem não resolver nada.

EUROPA

Se a sua análise sobre a situação nacional é muito crítica, também não vê com bons olhos a europeia. Ainda acredita na viabilidade do projeto europeu?

**MS** - Claro que acredito. A Europa da zona euro está em ebulição. Precisa rapidamente de mudar de paradigma. É o que quer a opinião europeia. E alguns Governos. As eleições americanas, se derem a vitória a Obama, como espero, vão dar um impulso progressista à União Europeia.

Desde 2007 que se mostra preocupado com a crise europeia. Cinco anos depois a crise mantém-se e não se vislumbram soluções. Esperava assistir a uma insensibilidade tão grande por parte das lideranças da União Europeia e à demora de Durão Barroso em alterar este rumo?

**MS** - Pelo contrário, acho que há alternativas à vista. Tem havido é falta de coragem dos dirigentes europeus, que são responsáveis pela paralisação do projecto europeu.

Quanto a Durão Barroso, conta muito pouco nas decisões europeias...

O fim do estado social como o conhecemos será irreversível?

**MS** - O Estado Social é um dos fundamentos mais importantes do projecto europeu. Se desaparecesse seria o fim da zona euro e da própria União. Como a Liberdade ou os Direitos Humanos.

A próxima visita da chanceler Angela Merkel a Portugal sossegará os ânimos dos portugueses ou será o momento de acerto de contas com a Europa que não partilha o ideal de uma União Europeia de iguais direitos?

**MS** - Nem uma coisa nem outra. Só cá está seis horas, para ser vista (se os seguranças deixarem) e para encontrar o seu discípulo reverente e o Presidente da República.

Quando conseguiu a adesão de Portugal à CEE admitiria um cenário futuro em que o país poderia não ser capaz de se manter no euro ou, pior, como Estado-membro?

**MS** - Claro que não. Mas não vai acontecer, espero, nem o fim do euro, nem a desagregação da União.

Nem de ter uma intervenção ativa e fundamental na defesa dos seus direitos como país-membro?

**MS** - Não tenho quaisquer responsabilidades políticas. Mas escrevo nos jornais e digo o que penso, como socialista e patriota que sou.

Ou o cenário de a própria União Europeia se desintegrar?

**MS** - Espero que não.

Também neste caso europeu existe uma geração de líderes impreparados para cumprir o sonho de uma Europa federalista?

**MS** - Sempre fui partidário do federalismo. Dos Estados Unidos da Europa, ou seja: do que desejavam os Pais Fundadores. Hoje muitos portugueses acham que é um dos caminhos possíveis para a União.

Como observa o défice tão gigantesco de debate sobre o futuro da União Europeia que se verifica atualmente com o Governo e os próprios portugueses?

**MS** - Sem grande alarme. É preciso é que o Banco Central Europeu, funcione como a Reserva Federal Americana ou a City de Londres: tenha a possibilidade de fabricar euros. Isso resolveria tudo de um momento para o outro.

Se é previsível que as próximas eleições autárquicas serão um ajuste de contas com a coligação, serão os portugueses capazes de olhar para as eleições europeias como um caminho para sair da crise?

**MS** - Estamos ainda longe das eleições autárquicas. Muita água, até lá, passará debaixo das pontes...

A substituição de Sarkozy por Hollande ainda lhe gera alguma esperança na recuperação dos pressupostos fundadores da União Europeia, como a Democracia no plano europeu e nacional?

**MS** - Claro que sim. Sem democracia pluralista a Europa desagrega-se e voltaremos aos conflitos do século passado.

Sarkozy foi derrotado em França. Quer vaticinar o que poderá acontecer à sua "parceira" Angela Merkel nas próximas eleições?

**MS** - Tem boas sondagens. Mas espero que até lá as coisas mudem. Espero que o Governo que saia dessas eleições seja composto pelo SPD e pelos Verdes.

Foi só a crise financeira que adulterou o percurso da União Europeia ou existe uma vertente ideológica e partidária que aproveitou a situação mundial?

**MS** - Claro que há uma vertente ideológica que facilitou a crise: foi o neo-liberalismo, responsável pela economia virtual, pela globalização desregulada e sem ética, pela idolatria dos mercados usurários - que vivem dos paraísos fiscais, que deviam ser ilegalizados - e que hoje mandam nos Estados. Mas à ideologia neo-liberal vai acontecer o mesmo que ao comunismo.

É muito crítico sobre o facto das instituições europeias estarem pouco preocupadas com o "diálogo sério" com os cidadãos dos Estados-membros. Ainda se vai a tempo de evitar o colapso?

**MS** - Claro! Sem diálogo democrático não há Estado (democrático) que funcione. A democracia pluralista - que vem desde os gregos, que a inventaram - é uma das maiores conquistas da Humanidade. Os Povos de hoje não a vão deixar perder.

Mesmo aqui ao lado, Mariano Rajoy imita com algum atraso as indecisões do Governo português. Estarão os dois países condenados ao antigo desterro ibérico?

**MS** - Infelizmente, não tem sido o caso. Passos Coelho, devia ter estado em Madrid quando foi o encontro Rajoy/Monti. Não esteve. Como nunca o procurou. Rajoy não quer ter uma Troika em Espanha, e isso faz toda a diferença. Passos Coelho não tem consciência da importância do bom entendimento de Portugal e da Espanha, no contexto europeu. Ambos os Estados deviam estar a pressionar a União Europeia (com a França e a Itália como aliados) para mudar de paradigma: reduzir drasticamente a austeridade, para relançar a economia ibérica e reduzir muito o desemprego. Não quer saber disso. Como súbdito submisso de Merkel só faz o que ela manda. Nem sequer tem bom gosto...

O desejo de independência da Catalunha preocupa-o?

**MS** - O desejo de independência é respeitável. Mas o momento para isso não é o adequado. Acredito que os cidadãos perceberão isto.

## EUA

Utiliza neste seu livro conceitos como "capitalismo de casino" e globalização desregulada". A eleição de Barack Obama suscitou esperanças que não se verificaram. A nível económico e financeiro foram uma desilusão estes seus quatro anos à frente dos Estados Unidos?

**MS** - Não foram uma desilusão. Barack Obama fez o que lhe foi possível. Mas esteve sempre cercado pelos republicanos, ultra-reaccionários. Fez o que lhe foi possível e bem. Mas como vai ganhar - estou convencido - vai fazer muito mais no segundo mandato. Será um novo Roosevelt.

E a nível de reformas sociais, apontou soluções ou apenas sobreviveu politicamente?

**MS** - Claro que Obama acredita nas reformas sociais e na União Europeia.

Dentro de três dias saberemos quem é o novo líder norte-americano. Acredita na hipótese de Mitt Romney ganhar?

**MS** - Não. Seria uma tragédia para a América, a Europa e o Mundo.

Ronald Reagan surpreendeu, com Romney poderá acontecer o mesmo?

**MS** - São ou melhor eram personalidades muito diferentes. Conheci pessoalmente Reagan - não era um grande estadista - mas era extremamente simpático. E contava mito bem anedotas...

Refere no seu livro que, caso Obama seja reeleito, poderá "impor finalmente um novo paradigma (p.10). Não vai tarde?

**MS** - Não. Nem para a América nem para a Europa. Chega no bom momento...

Não acha que a relação de Obama para com a União Europeia é pouco sincera, mesmo precisando estes dois 'blocos' de estarem unidos para enfrentar a nova realidade mundial?

**MS** - Não. Obama não tem essa visão acanhada. A Europa é vista por Obama como um aliado fundamental.

Um dos artigos mais preocupantes deste seu livro é o intitulado "A China não escapa à crise". Vê com bons olhos o facto de a China ter escolhido como parceiro preferencial o nosso país para esta sua nova fase de expansão mundial?

**MS** - É verdade, a China não escapa à crise. Vai ser muito interessante estudar a sua evolução. As relações entre Portugal e a China sempre foram excelentes.